

**Karolyn Marilyn de Oliveira Santos**

**Potencial empreendedor e intenção empreendedora: diferenças em função do gênero  
e relações entre os construtos**

**Uberlândia**

**2019**

**Karolyn Marilyn de Oliveira Santos**

**Potencial empreendedor e intenção empreendedora: diferenças em função do gênero e relações entre os construtos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Heila Magali da Silva Veiga

**Uberlândia**

**2019**

**Karolyn Marilyn de Oliveira Santos**

**Potencial empreendedor e intenção empreendedora: diferenças em função do gênero  
e relações entre os construtos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Heila Magali da Silva Veiga

**Banca Examinadora**

Uberlândia \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Prof. Dr. Heila Magali da Silva Veiga**

**Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG**

---

**Prof. Dr. Lígia Carolina Oliveira Silva**

**Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG**

---

**Adriane Barbosa Gimenez, Psicóloga**

**Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG**

**Uberlândia**

**2019**

## **POTENCIAL EMPREENDEDOR E INTENÇÃO EMPREENDEDORA: DIFERENÇAS EM FUNÇÃO DO GÊNERO E RELAÇÕES ENTRE OS CONSTRUTOS**

**Resumo:** Considerado um importante fenômeno socioeconômico, o empreendedorismo, entendido como a identificação e exploração de possibilidades de negócios, proporciona o combate ao desemprego, a geração de renda e o crescimento econômico. Uma das facetas do fenômeno é o empreendedorismo feminino que tem se desenvolvido grandemente nos últimos anos, proporcionando um aumento da participação feminina na economia do país, movimentando a economia local, gerando emprego e renda. Diante disso, o objetivo geral do presente trabalho é verificar se existem diferenças no potencial empreendedor e na intenção empreendedora em função do gênero. Como objetivo específico tem-se verificar se potencial empreendedor é preditor de intenção empreendedora, e investigar se há diferenças em potencial empreendedor e intenção empreendedora em função do tipo de organização. Para a realização do presente estudo foi utilizada amostra de conveniência de 185 participantes, sendo 120 mulheres e 65 homens. Dentre eles, 124 trabalhavam em organizações privadas e 55 em organizações públicas, atuando em cargos diversos. Foram selecionadas medidas com evidências de validação empírica para cada uma das variáveis do estudo, sendo elas a Escala de Potencial Empreendedor, multifatorial e a Escala de intenção empreendedora, unidimensional. Os resultados do estudo mostraram que houve diferença significativa no potencial empreendedor, em função do gênero, apenas para a dimensão metas, sendo a média das mulheres superior. Para a variável, intenção empreendedora as diferenças em função do gênero, não foram significativas. O poder preditivo de potencial empreendedor em relação à intenção empreendedora foi de 40%, sendo a contribuição significativa única oriunda das dimensões eficiência ( $\beta = -0,18$ ;  $p = 0,01$ ), oportunidade ( $\beta = 0,57$ ;  $p = 0,00$ ) e rede de relações ( $\beta = 0,21$ ;  $p = 0,01$ ). Acerca do potencial empreendedor em função do tipo de organização, pública ou privada, a análise mostrou diferenças significativas apenas para as dimensões controle e persuasão. Concernente à intenção empreendedora em função do tipo de organização, verifica-se que colaboradores de organizações privadas possuem maior intenção de empreender. Os resultados obtidos podem contribuir para a realização de novas pesquisas, e servir de alerta para empresas e gestores acerca de suas práticas de incentivo ou discriminação em relação aos empreendedores, além de incentivá-los a implementarem práticas e políticas que valorizem o empreendedorismo.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo; Gênero; Potencial empreendedor; Intenção empreendedora.

## **ENTREPRENEURIAL POTENTIAL AND ENTREPRENEURIAL INTENTION: GENDER DIFFERENCES AND RELATIONS BETWEEN CONSTRUCTS**

**Abstract:** Considered an important socioeconomic phenomenon, entrepreneurship, presented as an identification and exploration of business possibilities, combat the unemployment, income generation and economic growth. One of the facets of the phenomenon is female entrepreneurship that has developed a lot in recent years, slightly increasing female participation in the country's economy, moving the local economy, generating jobs and income. Therefore, the general objective of this paper is to verify if there are differences in entrepreneurial potential and entrepreneurial intention according to gender. The specific objective is to verify if entrepreneur potential is a predictor of entrepreneurial intention, and to investigate whether there are differences in entrepreneurial potential and entrepreneurial intention depending on the type of organization. For this study, a convenience sample of 185 participants was used, 120 women and 65 men. Among them, 124 worked in private organizations and 55 in public organizations, working in various roles. Measures with empirical validation were selected for each of the study variables, namely the Entrepreneurial Potential Scale, multifactorial and the Entrepreneurial Intention Scale, one-dimensional. The results of the study showed that there was a significant difference in entrepreneurial potential, according to gender, only for goals, with the average of women being higher. For the entrepreneurial intention variable the differences in gender function were not considered. The predictive power of entrepreneurial potential in relation to the entrepreneurial initiative was 40%, being a unique exclusive contribution of the economic dimensions ( $\beta = -0.18$ ;  $p = 0.01$ ), opportunity ( $\beta = 0.57$ ;  $p = 0.00$ ) and network of relationships ( $\beta = 0.21$ ;  $p = 0.01$ ). Regarding the entrepreneurial potential according to the type of public or private organization, an analysis showed small differences only for the dimensions of control and persuasion. Concerning the entrepreneurial intention according to the type of organization, it appears that employees of private organizations have a greater intention to undertake. The results obtained may contribute to the conduct of new research, and serve as a warning to companies and managers about their incentive or discrimination practices towards entrepreneurs, as well as encouraging them to implement practices and policies that value entrepreneurship.

**Keywords:** Entrepreneurship; Genre; Entrepreneurial potential; Entrepreneurial intention.

## INTRODUÇÃO

Considerado um importante fenômeno socioeconômico, o empreendedorismo, concebido como a identificação e exploração de possibilidades de negócios, proporciona o combate ao desemprego, a geração de renda e o crescimento econômico (SHANE; VENKATARAMAN, 2000; DORNELAS, 2014; ROCHA; FREITAS, 2014). Ademais, é fundamental para geração de riquezas, desenvolvimento das populações, além de ser uma alternativa de trabalho oriunda de necessidade ou oportunidade (MCCLELLAND, 1972; ROCHA; FREITAS, 2014; CARREIRA et al., 2015; ESLABÃO; VECCHIO, 2016; RIBEIRO; KRAKAUER, 2016; LOPES et al., 2016).

Diversos fatores estão imbricados na decisão de empreender, desde o medo do fracasso, necessidade de uma rede de apoio formada por amigos e familiares, experiência profissional, antecedentes, modelos, finanças, marketing, e a percepção da oportunidade ao empreendedorismo (CACCIOTTI; HAYTON, 2015; CACCIOTTI et al., 2016; MOTA et al., 2017; CAMARGO; LOURENÇO; FERREIRA, 2018). Na compreensão do fenômeno do empreendedorismo diversas áreas do conhecimento trazem contribuições relevantes, como a Economia, Sociologia, Psicologia e cada uma delas de modo singular. Entre as diversas contribuições da Psicologia, tem-se a identificação do perfil empreendedor, o qual se refere às características comuns aos empreendedores. Dentre os estudiosos, McClelland (1972) considera o empreendedor uma pessoa movida a sucesso, reconhecimento, poder e controle. Por sua vez, Drucker (2002) conceitua os empreendedores como indivíduos que inovam, exploram a mudança e criam algo novo; sendo ainda as pessoas que buscam oportunidades e iniciativas, dispostos ao risco, persistentes, compromissados com o trabalho, estabelecem metas e possuem uma ampla rede de relacionamentos (GARZON, 2010). Têm-se ainda entre as características do perfil empreendedor, a criatividade, e a capacidade para detectar oportunidades de negócios (PRANTZ et al., 2017).

Nessa seara existem muitos construtos semelhantes que visam apresentar características pessoais referentes ao empreendedor, como pontuam Cortez e Veiga (2018), dentre os quais estão perfil empreendedor, atitude empreendedora, potencial empreendedor, características empreendedoras, competências empreendedoras, personalidade empreendedora, intraempreendedorismo, intenção empreendedora e habilidade empreendedora. Tendo em vista isso, aqui o foco é potencial empreendedor,

compreendido como algo latente, passível de desenvolvimento. Possuir potencial é apresentar características de personalidade semelhantes às pessoas que alcançaram sucesso na atividade almejada (SANTOS, 2008).

Diversos estudos que investigam o potencial empreendedor constataram o hiato na literatura ao analisar as questões relacionadas com o gênero e a intenção de empreender. Ao cotejar os estudos que tratam das questões do potencial empreendedor associadas ao gênero, se verifica que os homens apresentaram índices superiores ao das mulheres (JENNINGS; BRUSH, 2013; LIMA; NELSON; NASSIF, 2016). Além disso, demonstram ser mais confiantes em suas capacidades como empreendedores e possuem maior tendência em serem autoempregados, enquanto as mulheres tendem a limitar suas escolhas de carreira, possuem menos anos de experiência de trabalho e não acreditam serem suficientemente autoeficazes (BANDURA, 1997; KLYVER; NIELSEN; EVALD, 2013; LIMA; NELSON; NASSIF, 2016).

Minniti e Naudé (2010) mencionam diversas pesquisas que apontam características do comportamento empreendedor feminino, das quais, o fato dos negócios das mulheres serem menores, crescerem menos, serem menos lucrativos do que o dos homens, e serem menos capazes de responder a oportunidades por restrições do ambiente. Em contrapartida, mulheres em países mais pobres possuem níveis mais altos de autoeficácia e menos medo do fracasso (COLEMAN, 2007; LUKE; MUNSHI, 2010).

Nota-se que a temática do empreendedorismo é ampla e diversificada com diferentes subtemas, e dentre as várias temáticas no estudo desse fenômeno, destaca-se o empreendedorismo feminino que está diretamente ligado à inserção da mulher no mercado de trabalho. Esta entrada no mundo laboral se deu a partir do crescente desenvolvimento das indústrias e do empobrecimento dos trabalhadores, o que forçou as mulheres a venderem sua mão de obra para sustento de suas famílias (RAMALHO; FIGUEIREDO, 2013). Porém, essa inserção sucedeu em ocupações subalternizadas e de baixa capacidade técnica, em postos de trabalho de subcontratação, temporários, com jornada parcial e com menores rendimentos (NASCIMENTO, 2014; IBGE, 2018). Além disso, enfrentaram desigualdades referentes à remuneração em função semelhante desempenhada por homens, desigualdade no acesso e permanência no emprego, nas oportunidades de ascensão e formação profissional, assédio moral e sexual. Somando-se a intensa dedicação aos

trabalhos domésticos, cuidado dos cônjuges e filhos, as mulheres desempenhavam e ainda desempenham dupla jornada de trabalho (RAMALHO; FIGUEIREDO, 2013; IBGE, 2018). Assim, se observa que o debate do empreendedorismo feminino suscita novas questões ao tema.

Devido a esse complexo cenário de crescente desigualdade e precarização, uma parcela das mulheres empenha seu conhecimento em atividades autônomas, em grande parte pelo exercício profissional informal, que lhes permite conciliar a função de cuidado a outros membros da família (ALPERSTEDT, 2014; TAVARES, 2018). Ademais, buscam através do empreendimento o sustento de si e de suas famílias, independência financeira, realização pessoal e profissional (FREIRE et al., 2012; DA SILVA; LASSO; MAINARDES, 2016; LOPES et al., 2016). Contudo, enfrentam barreiras na concessão de crédito, dificuldades para o crescimento dos negócios e problemas para conciliar família e trabalho (SCHWARTZ, 1976; ALPERSTEDT; FERREIRA; SERAFIM, 2014; TEIXEIRA; BOMFIM, 2016).

Contudo, o empreendedorismo feminino tem se desenvolvido grandemente nos últimos anos, o que proporcionou um aumento da participação feminina na economia do país, movimentando a economia local, gerando emprego e renda (FRANCO, 2014). No entanto, a literatura sobre empreendedorismo feminino é recente (FOO; WAI; LANG, 2006; VALE, 2014). Os estudos apontam que entre as dificuldades encontradas por mulheres no processo de empreender estão o acesso à fonte de financiamento como uma das principais barreiras, a discriminação em processos sucessórios em empresas familiares, os estereótipos de inferioridade em relação aos homens, a falta de formação e experiência em gestão de finanças, a divisão do tempo entre vida pessoal e profissional, estabilidade financeira e medos ocasionados pelo aumento do desemprego, dos impostos, e dos custos para manter o negócio (FERREIRA; NOGUEIRA, 2013; GIMENEZ; FERREIRA; RAMOS, 2017; CAMARGO; LOURENÇO; FERREIRA, 2018).

Diante do exposto, o objetivo geral do presente trabalho é verificar se existem diferenças no potencial empreendedor em função do gênero. Como objetivo específico tem-se verificar se potencial empreendedor é preditor de intenção empreendedora, e investigar se há diferenças em potencial empreendedor e intenção empreendedora em



função do tipo de organização. Entende-se a intenção de empreender como, disposição para possuir um negócio próprio (SANTOS, 2008).

## **REFERENCIL TEÓRICO**

### **1. EMPREENDEDORISMO**

Ao longo da história o termo empreendedor, de origem francesa, foi descrito de diversas formas. Em sua origem foi associado àquele que incentivava brigas e a partir do século XVIII passa a ser atribuído ao indivíduo que cria e administra projetos (FILION, 1999; SCHMIDT; BOHNENBERGER, 2009; ESLABÃO; VECCHIO, 2016). Ao longo dos séculos XIX, XX e XXI diversas concepções teóricas partiram de diferentes perspectivas do fenômeno (DRUCKER, 1996; FILION, 1999; HISRICH; PETERS, 2004; VALE, 2014; FRESE; GIELNIK, 2014).

Ainda não há um conceito unânime sobre o empreendedorismo e as características do sujeito empreendedor (CORTEZ; VEIGA, 2018). Entre as vertentes teóricas que o conceituam, a economia e a psicologia são consideradas as principais (VALE, 2014; MOCELIN; AZAMBUJA, 2017). A primeira busca identificar a relevância do indivíduo, percebido como agente econômico, para a criação de processos inovadores, além de sua importância para o sistema econômico (CANTILLON, 1964; SCHUMPETER, 1984; SAY, 2008; BARROS, 2017), enquanto as abordagens teóricas originadas da psicologia destacam a importância do contexto social para a formação do indivíduo empreendedor levantando questões sobre a influência de suas características individuais sobre o seu comportamento empreendedor (McCLELLAND, 1972; SHANE; VENKATARAMAN, 2000; MOCELIN; AZAMBUJA, 2017).

O primeiro economista a utilizar o termo empreendedorismo foi Richard Cantillon (1697-1734), que considerou o empreendedor como aquele que comercializava para alcançar o lucro (SANTOS; LENZI, 2018). Schumpeter (1984) investigou o empreendedor e a sua inserção no sistema capitalista. Para ele, este seria o agente responsável por promover novo progresso e impedir o decréscimo do desenvolvimento de riquezas, ou seja, o empreendedor é o autor capaz de promover o crescimento econômico (OLIVEIRA, 2016; MOCELIN; AZAMBUJA, 2017). Os comportamentalistas buscaram identificar características que diferenciavam indivíduos empreendedores de não-empreendedores.

McClelland (1972) destacou a alta necessidade de realização dos empreendedores, considerado um traço de motivação que se expressa por meio da independência e desejo de suportar riscos moderados.

Para alguns autores, empreendedor é aquele dotado de capacidade de inovação, que assume riscos em um negócio, que decide sobre o uso e a coordenação de recursos escassos (SCHUMPETER, 1942; GARTNER, 2001; TEECE, 2016). Inseridos em um mundo competitivo que constantemente se transforma, os empreendedores são considerados sujeitos multifacetados. Desse modo, empreendedorismo é definido como a transformação da sociedade e o alcance de realização pessoal (AMIT; GLOSTEN; MULLER, 1993; DRUCKER, 2002; DOLABELA, 2008).

Nas conceituações anteriores se observa que o foco está na criação de um negócio, todavia outros autores apregoam que o empreendedorismo pode ocorrer dentro de organizações já existentes onde o comportamento do empreendedor é moldado pelas normas ou pelas regras da organização em que está inserido. Nesse sentido, o intraempreendedor, como é denominado, busca oportunidades presentes no ambiente organizacional para que sejam desenvolvidos novos projetos a fim de expandir o valor econômico e a inovação, a despeito dos obstáculos organizacionais e dos riscos calculados (ANTONCIC; HISRICH, 2001; FILLION, 2004; EMMENDOERFER; VALADARES; HASHIMOTO, 2010; PAIVA; SILVA; CARRASCO, 2016; TEECE, 2016; MIGUEZ; LEZANA, 2018; SILVA, 2019).

E quem seriam os intraempreendedores? Investigando o perfil empreendedor McClelland (1971) analisou as características psicológicas que predispunham o indivíduo ao empreendedorismo e concluiu que estes apresentam uma estrutura motivacional distinta, além de qualidades como audácia, engenhosidade, liderança, persistência, determinação e coragem para assumir riscos moderados. Para Fillion (1999) o empreendedor é um ser social, produto do meio em que vive, capaz de perceber oportunidades de negócio, estabelecer metas e alcançá-las, ser criativo. Demais autores confirmam as características acima referidas e acrescentam: perseverança, inovação, planejamento, capacidade de perceber oportunidades e diferenciar-se, autoeficácia, orientação para o futuro, motivação pessoal, otimismo e dinamismo (SCHMIDT; BOHNENBERGER, 2009; NASSIF; GHOBIL; SILVA, 2010; DORNELAS, 2014).

McClelland (1971), considerado o principal pesquisador da abordagem comportamentalista, estabeleceu um elo entre a iniciativa empresarial e o crescimento econômico, e dedicou-se ao estudo da relação entre as necessidades de poder, filiação e realização. Segundo o autor, onde existiu alta necessidade de realização houve crescimento econômico, entendendo a necessidade de realização como desejo de realizar algo de modo mais eficiente do que já feito anteriormente. A necessidade de afiliação é compreendida como o cuidado em estabelecer e manter relações emocionais positivas com outras pessoas, enquanto a necessidade de poder é caracterizada pela preocupação em exercer poder sobre os outros (MCCLELLAND, 1971; BATISTA, 2004; SANTOS, 2008; SANTIAGO, 2009).

### **1.1 EMPREENDEDORISMO FEMININO**

Os primeiros estudos sobre mulheres empreendedoras foram nos Estados Unidos e Canadá, com o objetivo de identificar o perfil de mulheres que visavam à independência por meio de seus empreendimentos (NAVARRO et al., 2018). Uma das primeiras publicações foi de Schwartz (1976) que abordou os aspectos relativos à motivação para empreender, operações, crédito, discriminação e características da personalidade da mulher empreendedora. Em seus resultados constatou que, a motivação estava diretamente ligada ao desejo de ser independente, a autoestima e o desejo de realização como as principais características da personalidade, discriminação e dificuldades enfrentadas na concessão de créditos. Também apontaram a existência de diferenças pequenas entre homens e mulheres, no entanto ambos possuem qualidades empreendedoras a serem desenvolvidas.

As mulheres empreendem pelas mesmas razões que eles. Buscam o sustento de si e de suas famílias, o enriquecimento de suas vidas com uma carreira e a independência financeira (FREIRE et al., 2012; SILVA; LASSO; MAINARDES, 2016; LOPES et al., 2016). Além disso, considera-se as dificuldades enfrentadas para ascender na carreira profissional em outras organizações e o empreendedorismo como alternativa para conciliar trabalho e família (NAVARRO et al., 2018). Outros estudos observaram que entre os motivos que levam a mulher a empreender se destacam a possibilidade e satisfação de tomar as próprias decisões e optar pelos rumos do empreendimento, motivações pessoais como, autoconfiança, força de vontade e principalmente afetividade (FREITAS; TEIXEIRA, 2016; CORTEZ et al., 2017).

Investigando o perfil psicológico e comportamental das mulheres empreendedoras, pesquisadores destacaram seu nível educacional, como consta em pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2009), 61,2% das mulheres possuem onze anos ou mais de estudo, enquanto o percentual dos homens é 53,2%, além de sua parcela em cursos de nível superior ser maior em relação aos homens, porém faltam-lhes conhecimentos administrativos e gerenciais. Ademais, possuem o predomínio de familiares empreendedores, faixa etária entre 31 a 50 anos de idade, e características como, determinação, motivação, coragem, perseverança e dinamismo (MACHADO, 1999; FREIRE et al., 2012). Mesmo possuindo essas características uma mulher empreendedora encontra barreiras ao longo do caminho, como constatado por Schwartz (1976), enfrentam problemas na concessão de crédito, o que as fazem iniciar com pouco capital, e discriminação quanto à lucratividade de seus empreendimentos. Também se deparam com dificuldades em conciliar o trabalho e a família, e em participar de redes de negócios (ALPERSTEDT; FERREIRA; SERAFIM, 2014; TEIXEIRA; BOMFIM, 2016).

Corroborando, em seu estudo Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014) averiguaram as barreiras enfrentadas por mulheres empreendedoras e concluíram que a maior fonte de recursos para investimentos nos negócios advinham de familiares, perderam credibilidade por serem jovens, e consideraram o cuidado dos filhos como o papel de maior peso. Partes das dificuldades foram solucionadas com planejamento, parcerias e estabelecimento de metas. Silva, Lasso e Mainardes (2016), concluíram que as mulheres se arriscam mais, pois encontram dificuldades na aquisição de empréstimos e observaram a necessidade de aprimoramento das habilidades de gerenciamento, marketing, finanças e habilidades tecnológicas. Lopes et al. (2016) analisando as características comportamentais empreendedoras teve como resultado o alto nível de comprometimento das mulheres com as empresas, exigência da qualidade e eficiência, estabelecimento de metas, independência e autoconfiança. Persistência e planejamento sistemático foram características com baixos índices. Carreira et al. (2015) constataram que as empreendedoras possuíam características como, visão de mercado e de oportunidades, perseverança nos seus objetivos, estabelecimento e cumprimento de metas, planejamento e cumprimento de prazos, além de formarem uma sólida rede de contatos. Segundo a autora, as mulheres são mais cautelosas ao considerarem empréstimos, tardando em investirem em seus negócios.

Similarmente, outros estudos confirmam que o empreendedorismo feminino surge mais por necessidade (RAKNERUD; RONSEN, 2014; SOUSA et al., 2017); mulheres possuem altos índices nas dimensões “realização e planejamento”, enquanto os homens alcançam maiores pontuações em “independência e autoconfiança”, “persuasão e redes de contato” e “correr riscos calculados” (MINELLO; BÜRGER; KRÜGER, 2017; MELO; JESUS, 2018); quanto menor o grau de escolaridade maior a probabilidade de empreender (SILVA, 2017); autoeficácia empresarial, intenção empresarial e gênero estão correlacionados (RUIZ ARROYO; FUENTES FUENTES; RUIZ JIMÉNEZ, 2016; SILVA, 2017). Percebe-se que as inúmeras definições acerca do empreendedorismo e características empreendedoras possuem congruências entre si. Apesar das recentes pesquisas acerca do empreendedorismo feminino, nota-se o limitado número de trabalhos investigando as características e potencial das empreendedoras.

## **MÉTODO**

### **2. AMOSTRA**

Para definição do tamanho amostral foi considerado a recomendação de Abbad e Torres (2002). Estes apontam que o poder estatístico é drasticamente reduzido quando se utiliza amostras menores que 175 participantes, mesmo quando são encontrados efeitos de grande magnitude e medidas altamente confiáveis. Desse modo, para a realização do presente estudo foi utilizada amostra de conveniência de 185 participantes, sendo 120 mulheres e 65 homens, residentes no interior do Estado de Minas Gerais. Dentre eles, 124 trabalhavam em organizações privadas e 55 em organizações públicas, atuando em cargos diversos como, por exemplo, atendimento ao público, serviços administrativos, vendas e serviços gerais, estando à maioria em cargos de assistência.

### **2.2 INSTRUMENTO**

Escala de Potencial Empreendedor, de Santos (2008)

Essa medida é constituída por 49 itens divididos em nove dimensões, as quais estão descritas na Tabela 1, assim como a confiabilidade de cada uma delas. Para respondê-la foi utilizada escala de resposta likert de 10 pontos, variando de Discordo Totalmente a Concordo totalmente. Por sua vez, a escala de intenção empreendedora é

unidimensional, sendo composta por quatro itens, os quais avaliam a intenção de adquirir um negócio em algum momento.

**Tabela 1.** Descrição da dimensão, confiabilidade (alfa) e exemplos.

Dimensão	Alfa	Descrição dos itens
Oportunidade	0,833	Sinto-me capaz de identificar oportunidades de negócios e sair lucrando com isso
Persistência	0,893	Entendo que os obstáculos existem para serem superados.
Eficiência	0,871	Gosto de cumprir prazos
Informações	0,907	Se for preciso, pedirei ajuda a especialistas que me ensinem como fazer as coisas da melhor forma
Planejamento	0,847	Defino onde quero chegar e detalho todos os passos que devo seguir
Metas	0,903	O que pretendo alcançar está claramente definido
Controle	0,907	Costumo fazer anotações e manter registros das minhas ações
Persuasão	0,864	Posso convencer pessoas a superar conflitos e atuar em equipe objetivando alcançar determinado resultado
Rede de relações	0,886	Procuro manter contato constante com as pessoas de minha rede de relações
Intenção Empreendedora	0,885	Com certeza um dia terei meu próprio negócio

### 2.3 PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

O projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP de uma universidade do interior do país e, após a emissão de parecer consubstanciado de aprovação, número 2.985.297, de 27/10/2018, a equipe de pesquisa iniciou o processo de recrutamento dos participantes. A aplicação do questionário impresso em papel foi individual e o tempo médio foi de 30 minutos.

Para análise de dados foi utilizado o software estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), que realizou análises estatísticas, *teste t* para amostra independente e análise de regressão múltipla padrão.

### RESULTADOS

Na Tabela 2 são descritas as médias de cada uma das medidas da escala de potencial empreendedor. Como se observa, a maior média ocorreu na dimensão eficiência ( $x= 8,71$ ;  $dp= 1,31$ ), seguida de informações ( $x=8,29$ ;  $dp=1,32$ ), sendo menor o valor

obtido na dimensão oportunidade (média=6,58; dp=1,73). De acordo com o autor da escala de potencial empreendedor, os empreendedores de sucesso devem obter escores de 8,1 para a dimensão oportunidade até 9,1 na dimensão eficiência, alcançando média de 8,6 no potencial empreendedor. Na amostra desse estudo nenhum participante atingiu esse patamar.

Por sua vez, a média de intenção empreendedora foi de 5,41, o que segundo Santos (2008) demonstra baixa intenção de empreender dado que, em seu estudo a média dos empreendedores de sucesso foi de 8,9. Observa-se que na amostra pesquisada nenhuma média se aproxima da proposta por Santos (2008), ou seja, segundo a Escala de Potencial Empreendedor não apresentam características empreendedoras desenvolvidas como os empreendedores de sucesso, porém tais atributos podem ser desenvolvidos através de treinamentos e maior dedicação do futuro empreendedor em superar suas próprias limitações.

**Tabela 2 – Potencial empreendedor**

Potencial empreendedor	Média	Desvio padrão
Oportunidade	6,58	1,73
Persistência	8,01	1,41
Eficiência	8,71	1,31
Informações	8,29	1,32
Planejamento	6,90	1,78
Metas	7,29	1,72
Controle	6,92	2,14
Persuasão	7,11	1,70
Rede de relações	7,72	1,74
Intenção Empreendedora	5,41	3,08

Para verificar se havia diferenças no potencial empreendedor em função do gênero foi realizado o teste t para amostra independente. Essa análise mostrou diferença significativa apenas para a dimensão metas, como mostra a Tabela 3.

**Tabela 3- Potencial empreendedor em função de gênero**

Potencial empreendedor	Sexo	Média	DP	t	p
Metas	Masculino	6,7473	1,95774	-3,29	0,04
	Feminino	7,5988	1,50587	-3,05	

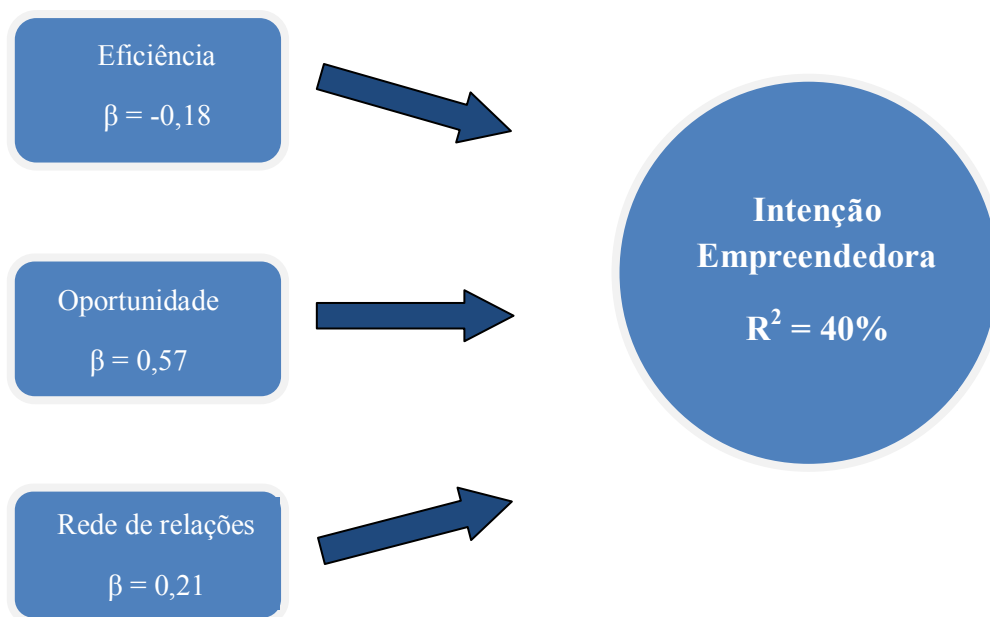
No que diz respeito às diferenças na intenção empreendedora em função do gênero foi realizado o teste t para amostra independente. Essa análise não mostrou diferença significativa, portanto os resultados não serão detalhados.

Em relação às diferenças no potencial empreendedor em função do tipo de organização, pública ou privada, foi realizado o teste t para amostra independente. Essa análise mostrou diferenças significativas apenas para as dimensões controle e persuasão como mostra a Tabela 4. Concernente à intenção empreendedora em função do tipo de organização, verifica-se que colaboradores de organizações privadas possuem maior intenção de empreender.

**Tabela 4- Potencial empreendedor e Intenção empreendedora em função do tipo de organização**

Potencial empreendedor	Tipo de organização	Média	DP	t	p
Controle	Privada	7,1500	1,98934	2,34	0,02
	Pública	6,3382	2,44400	0,03	87,0
Persuasão	Privada	7,3548	1,49736	3,31	0,01
	Pública	6,4636	1,97403	0,00	82,7
Intenção de empreender	Privada	6,2542	2,54992	6,10	0,00
	Pública	3,4636	3,29928	0,00	84,7

Ao analisar o poder preditivo de potencial empreendedor em relação à intenção empreendedora, o resultado da regressão múltipla padrão foi um poder de explicação de 40%, sendo a contribuição significativa única oriunda das dimensões eficiência ( $\beta = -0,18$ ;  $p = 0,01$ ), oportunidade ( $\beta = 0,57$ ;  $p = 0,00$ ) e rede de relações ( $\beta = 0,21$ ;  $p = 0,01$ ).





## **Figura 1- Regressão múltipla padrão**

### **DISCUSSÃO**

No tocante ao potencial empreendedor, nota-se que na amostra pesquisada as médias são inferiores ao patamar de empreendedores de sucesso, de acordo com Santos (2008). Uma possível explicação se deve ao fato de ocuparem cargos operacionais e não terem oportunidades de empreender visto que, as médias da dimensão oportunidade foram baixas, sendo oportunidade a capacidade de perceber as necessidades dos outros e como elas podem ser satisfeitas, estar em alerta para alguma oportunidade que possa surgir, sentir-se capaz de identificar oportunidades de negócios e sair lucrando, e crer que as oportunidades existem para serem identificadas. Segundo a literatura, é importante que os empreendedores demonstrem habilidades em reconhecer e explorar oportunidades (MCCLELLAND, 1971; SCHMIDT; BOHNENBERGER, 2009). Além disso, conforme relatório executivo Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2017) observa-se que 59,9% dos empreendedores iniciais empreenderam por oportunidade.

Associado a isso, os participantes da pesquisa possuem baixa intenção em adquirir o próprio negócio. Considerando a realidade brasileira no 1º trimestre de 2019 com taxa de subutilização da força de trabalho em 25%, taxa de desocupação em 12,7% e taxa de desalentados em 4,4%, acredita-se que nesse cenário preocupante as pessoas estão satisfeitas em estarem empregadas, não se dispondo ao risco de empreender (IBGE, 2019). Em estudo correlato, Mota et al. (2017) investigaram o empreendedorismo a partir do contexto econômico e social, e concluíram que indicadores como PIB, IDH e renda per capita influenciam negativamente a percepção de oportunidades para empreender, aumentando o medo de fracassar em seus empreendimentos. Assim, conclui-se que as condições econômicas atuais do nosso país podem ter influenciado a amostra em estudo.

Concernente às diferenças no potencial empreendedor em função do gênero, a análise mostrou diferença significativa somente para a dimensão metas. As mulheres alcançaram média superior aos homens nesta dimensão o que expressa sua maior capacidade em determinar claramente objetivos e metas; definir rumos de curto, médio e longo prazo; traçar um rumo e estabelecer os ganhos que terá no final; saber onde pretende

chegar e o quanto pretende alcançar; ter convicção de que irá alcançar seus objetivos e metas; estabelecer objetivos e metas para se sentirem desafiadas; ter claramente definido o que pretende alcançar. Carreira et al. (2015) e Lopes et al. (2016) constataram que as empreendedoras possuíam como característica o estabelecimento e cumprimento de metas, enquanto homens possuem maior pontuação em persuasão e redes de contato (MINELLO; BÜRGER; KRÜGER, 2017; MELO; JESUS, 2018).

A análise acerca das diferenças na intenção empreendedora em função do gênero não mostrou diferença significativa, no entanto, outros estudos apresentaram correlação entre autoeficácia empresarial, intenção empresarial e gênero (RUIZ ARROYO; FUENTES FUENTES; RUIZ JIMÉNEZ, 2016; SILVA, 2017), além de mulheres estarem quase um ponto percentual acima dos homens no que diz respeito aos empreendedores iniciais, de acordo com GEM (2017).

Considerando os resultados descritos, pode-se inferir que as diferenças associadas ao gênero não estão relacionadas ao fato de pontuarem mais ou menos em potencial empreendedor, mas sim em variáveis conjunturais tais como, diferenças culturais de gênero e barreiras no mercado de trabalho. A literatura a esse respeito é inconclusiva, pois alguns estudos apontam distinções no perfil empreendedor e outros abordam que as barreiras culturais impostas às mulheres influenciam diretamente em sua intenção de empreender (SANTOS, 2013; CARVALHO, 2017; MELO; JESUS, 2018), haja vista, que enfrentam dificuldades associadas à discriminação, salários frequentemente inferiores aos dos homens, e barreiras que entram promoções e acesso a cargos de níveis superiores (SANTOS, 2013; HRYNIEWICZ; VIANNA, 2018).

De acordo com Santos (2013), as mulheres estão menos inseridas na categoria empregadoras e comumente inserem-se em microempresas, como demonstram os dados do Anuário das Mulheres: Empreendedoras e Trabalhadoras em Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2016), em 2013 as mulheres representavam cerca de 31,1% dos empregadores ou trabalhadores por conta própria exercendo atividades nos serviços de alimentação, comércio de vestuário, tratamentos de beleza e saúde particular, representando em 2014, 47% dos MEIs (IBGE, 2018). Além disso, destacam-se aspectos como o fenômeno “teto de vidro” tido como uma barreira sutil e forte que impede a promoção das mulheres aos níveis hierárquicos mais elevados, e questões acerca da formação de sua rede de relações dado

que, as mulheres estabelecem laços fortes com uma rede de relações familiares, amigadas e vizinhança, incorporando baixo número de empreendedores enquanto os homens estão imersos em diferentes tipos de relações sociais, desenvolvendo redes mais amplas e com laços fracos (YETIM, 2008; VALE; SERAFIM; TEODÓSIO, 2011). Tal fato caracteriza uma desvantagem das mulheres em relação aos homens visto que, a rede viabiliza o acesso a informações e recursos (BUTTINER, 2001; VALE; SERAFIM; TEODÓSIO, 2011; SILVA; LASSO; MAINARDES, 2016).

No que se refere às diferenças no potencial empreendedor em função do tipo de organização, a análise mostrou diferença significativa nas dimensões controle e persuasão. Em ambas os colaboradores de organizações privadas obtiveram maiores médias, o que aponta sua melhor habilidade em utilizar o controle para revisão de seus planos; fazer anotações e manter registros de suas ações; consultar registros antes de tomar decisões; entre outros. De acordo com a literatura, instituições privadas e públicas possuem focos diferentes acerca do empreendedorismo. A primeira visa o incentivo à comercialização da ciência, enquanto a segunda encontra entraves à ação empreendedora devido seu modelo estrutural e administrativo (FERRAS et al., 2014). Contudo, são poucas as pesquisas sobre o empreendedorismo no setor público, apesar do aumento recente, ainda são contribuições incipientes que expõem perspectivas distintas ao definirem o fenômeno, sem consolidar um arcabouço teórico (ZAMPETAKIS; MOSTAKIS, 2010; MORAIS et al., 2015). Alguns autores afirmam que o interesse pelo tema nas recentes pesquisas deve-se ao desejo de criar mais inovação e qualidade na prestação dos serviços públicos (MEYNHARDT; DIEFENBACH, 2012; VALADARES et al., 2012; KEARNEY; MORRIS, 2015).

No setor público o intraempreendedorismo encontra barreiras que inibem seu desenvolvimento. Tidas como burocráticas, as organizações públicas apresentam características avessas ao empreendedorismo, não sendo condescendente ao risco, ao passo que organizações privadas se arriscam mais para alcançarem seu objetivo, o lucro (ANTONCIC; HISRICH, 2001; HASHIMOTO, 2006; ZAMPETAKIS; MOUSTAKIS, 2010; LIMA et al., 2018). Dentre essas barreiras destacam-se, o alto grau de burocratização, falta de controle de recursos, multiplicidade e ambiguidade de metas, intromissão política na gestão, e aversão ao risco. Elas impedem o desdobramento de uma cultura empreendedora que valorize a inovação e autonomia (CUERVO; RIBEIRO; ROIG,

2007; SPENCER; KIRCHHOFF; WHITE, 2008; VALADARES; EMMENDOERFER, 2015; LAPOLLI; GOMES, 2017; TEIXEIRA et al., 2019).

Relativamente, buscando compreender o poder de predição do potencial empreendedor na intenção empreendedora, obteve-se a contribuição significativa oriunda das dimensões eficiência, oportunidade e rede de relações. A principal contribuição foi da dimensão oportunidade que diz respeito a estar em alerta para alguma oportunidade que possa surgir, sentir-se capaz de identificar oportunidades de negócios e sair lucrando, ou seja, aqueles trabalhadores que são capazes de detectar oportunidades são os que efetivamente tem maior intenção de empreender (SANTOS, 2008). Semelhantemente, aqueles que possuem uma boa rede de relacionamentos, isto é, que procuram estabelecer uma boa rede de relacionamentos com conhecidos, amigos e pessoas que possam lhe ser úteis; possuem modos fáceis para manter o contato constante com as pessoas de sua rede e procuram atender as solicitações dessas pessoas, também apresentam a intenção de ter o próprio negócio (SANTOS, 2008). Por fim, aqueles que têm dificuldades em cumprir prazos; realizar seu trabalho de forma correta e dentro dos períodos estabelecidos; fazer adaptações necessárias para que as coisas funcionem, estão associados negativamente à intenção empreendedora, ou seja, quanto menos eficiente o trabalhador for menos terá a intenção de empreender (SANTOS, 2008). De acordo com a literatura, percepção de oportunidades, estabelecimento e cumprimento de metas, planejamento e cumprimento de prazos, rede sólida de contatos, exigência da qualidade e eficiência, persuasão e redes de contato são competências características de empreendedores (CARREIRA et al., 2015; LOPES et al., 2016; MINELLO; BÜRGER; KRÜGER, 2017; MELO; JESUS, 2018).

Considerando que a contribuição mais significativa para intenção de empreender provém da dimensão oportunidade, organizações que se comprometem com o empreendedorismo motivando seus funcionários à inovação, renovação estratégica, criatividade e aceitação de riscos, criam um ambiente propício ao desenvolvimento do intraempreendedorismo, possibilitando a expressão de competências empreendedoras de seus funcionários, possibilitando a retenção de talentos dentro da empresa e dispendo formas para lidar com o mercado concorrente (CHIEH; ANDREASSI, 2007; LAPOLLI; GOMES, 2017; PAULA; SANTOS; SILVA, 2018). Assim, faz-se necessário que fundadores e gestores de organizações proponham programas de qualificação que

favoreçam a atividade inovadora e empreendedora (MARQUES; RASOTO; ISHIKAWA; BOCCHINO, 2016).

## CONCLUSÃO

Diante do exposto, entende-se que objetivo proposto foi atingido, e a partir da análise do potencial empreendedor da amostra, pode-se compreender as diferenças nesse potencial em função do gênero, tipo de organização, e o poder preditivo do potencial empreendedor em relação à intenção empreendedora. No tocante à Psicologia Organizacional e do Trabalho, os resultados obtidos podem contribuir para a realização de novas pesquisas, e servir de alerta para empresas e gestores acerca de suas práticas de incentivo ou discriminação em relação aos empreendedores, além de incentivá-los a implementarem práticas e políticas que valorizem o empreendedorismo.

Contudo, o presente estudo apresenta limitações no que diz respeito ao número reduzido de participantes, pois compreende-se que um número maior poderia abranger questões distintas das aqui identificadas. Adicionalmente, contempla poucas mulheres em posições de poder, assim como não acessa camadas inferiores no quesito escolaridade, o que também pode ter limitado o espectro de respostas. Por fim, seria relevante que pesquisas qualitativas fossem conduzidas, de maneira a permitir a melhor compreensão das questões que envolvem o ato de empreender e aumentar a atenção para as demandas específicas do empreendedorismo feminino, reiterando que não existem diferenças significativas no potencial empreendedor em relação ao gênero, mas barreiras impostas às mulheres que precisam ser transpostas.

## REFERÊNCIAS

ABBAD, G., & TORRES, C. V. Regressão múltipla stepwise e hierárquica em psicologia organizacional: aplicações, problemas e soluções. **Estudos em Psicologia**, v.7, p.19-29, 2002.

ALPERSTEDT, G. D.; FERREIRA, J. B.; SERAFIM, M. C. Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. **Revista de Ciências da Administração**, v. 16, n. 40, 2014, p. 221- 234. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2014v16n40p221>

AMIT, R.; GLOSTEN, L.; MULLER, E. Challenges to theory development in entrepreneurship research. **Journal of Management Studie**, v. 30, n. 5, 1993, p. 815-834. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.1993.tb00327.x>

ANTONCIC, B.; HISRICH, R. D. Intrapreneurship: construct refinement and cross cultural validation. **Journal of Business Venturing**, v. 16, 2001, p. 495-527. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(99\)00054-3](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(99)00054-3)

BANDURA, A. **Self-efficacy: The Exercise of Control**. New York: Freeman. 1997.

BARROS, M. M. S. Empreendedorismo na formação de professores: uma proposta formativa. 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2018. <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/handle/4321/44>

BATISTA, C. H. **Estudo comparativo do desenvolvimento das características comportamentais empreendedoras dos alunos da disciplina de empreendedorismo durante o primeiro semestre letivo de 2004 nos cursos de Administração e Turismo & Lazer da FURB – Santa Catarina/Brasil**. 2004. 93 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2004.

CACCIOTTI, G.; HAYTON, J. C. Fear and entrepreneurship: A review and research agenda. **International Journal of Management Reviews**, v. 17, n. 2, 2015, p. 165-190. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12052>

CACCIOTTI, G.; HAYTON, J. C.; MITCHELL, J. R.; GIAZITZOGLU, A. A reconceptualization of fear of failure in entrepreneurship. **Journal of Business Venturing**, v. 31, n. 3, 2016, p. 302-325. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2016.02.002>

CAMARGO, R. A. M. M.; LOURENÇO, M. L.; FERREIRA, J. M. Mulheres empreendedoras no Brasil: quais seus medos?. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios-RBGN**, v. 20, n. 2, 2018, p. 178-193.

CANTILLON, Richard. **Essai sur la nature du commerce en général**. New York: Augustus M. Kelley, 1964.

CARDON, M. S.; FOO, M. D.; SHEPHERD, D.; WIKLUND, J. Exploring the heart: Entrepreneurial emotion is a hot topic. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 36, n. 1, 2012, p. 1-10.

CARREIRA, S. S. et al. Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico. **NAVUS-Revista de Gestão e Tecnologia**, v. 5, n. 2, 2015, p. 6-13.

CARVALHO, G. C. Políticas públicas, gênero e empreendedorismo: uma análise do Programa Nacional Trabalho e Empreendedorismo da Mulher em Pernambuco. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 39, n. 1, 2017, p. 11-18.

COLEMAN, S. The role of human and financial capital in the profitability and growth of women-owned small firms. **Journal of Small Business Management**, v. 45, n. 3, 2007, p. 303–319. [doi.org/10.1111/j.1540-627X.2007.00214.x](https://doi.org/10.1111/j.1540-627X.2007.00214.x)

CORTEZ, A. E. G. et al. Cognição e Afetividade nas Trajetórias Empreendedoras das Mulheres da Cidade do Natal – RN. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 5, n. 2, 2017, p. 1-27.

CORTEZ, P. A.; DA SILVA VEIGA, H. M. Características pessoais dos empreendedores: clarificação conceitual dos construtos e definições da literatura recente (2010-2015). **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 58-79, 2018.

CUERVO, A., RIBEIRO, D., ROIG, S. Entrepreneurship: concepts, theory and perspectives. Introduction. In: CUERVO, A., RIBEIRO, D., ROIG, S. (Ed.) **Entrepreneurship: concepts, theory and perspectives**. Heilderberg: Springer, 2007. [https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8\\_1](https://doi.org/10.1007/978-3-540-48543-8_1)

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa: uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa**. São Paulo: Sextante, 2008.

DORNELAS, J. C. **Empreendedorismo – Transformando Ideias em Negócios**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

DRUCKER, P. **Sociedade pós-capitalista**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Pioneira, 2002.

EMMENDOERFER, M. L.; VALADARES, J. L. Reflexões e perspectivas acerca da construção do conhecimento sobre empreendedorismo interno. **Ciências da Administração**, v. 13, n. 30, 2011, p. 88-117.

ESLABÃO, D. R.; VECCHIO, F. B. Condições e Obstáculos ao Empreendedorismo no Brasil. **Revista de Economia, Empresas e Empreendedores**, v. 2, n. 2, 2016, p. 79-90. <https://doi.org/10.29073/e3.v2i2.22>

FERREIRA, J. M.; NOGUEIRA, E. E. S. Mulheres e suas histórias: Razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, n. 4, 2013, p. 398-417. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552013000400002>

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 34, n. 2, 1999, p. 5-28.

FILION, L. J. Entendendo Os Intraempreendedores Como Visionistas. **Revista de Negócios**, Blumenau, v. 9, n. 2, abril/junho 2004, p. 65-80. <http://dx.doi.org/10.7867/1980-4431.2004v9n2p%25p>

FOO, C. T.; WAI, L. S.; LANG, T. S. The mind of a technopreneures: differentiating the self-leading, entrepreneurial from custodial, managerial female. **Technovation**, v. 26, n. 2, 2006, p. 175-184. <https://doi.org/10.1016/j.technovation.2005.01.007>

FREIRE, D. A. L. et al. Empreendedorismo feminino no Brasil: perspectivas. **Revista Tecer**, v. 5, n. 9, 2012, p. 67-79.

FREITAS, R. K.; TEIXEIRA, R. M. Identificação de Oportunidades Empreendedoras por Mulheres. **Revista Economia & Gestão**, v. 16, n. 44, 2016, p. 81-108. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1984-6606.2016v16n44p81>

FRESE, M.; GIELNIK, M. M. The psychology of entrepreneurship. **Annu. Rev. Organ. Psychol. Organ. Behav.**, v. 1, n. 1, 2014, p. 413-438.

GARTNER, W. B. Is there an elephant in entrepreneurship? Blind assumptions in theory development. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 25, n. 4, 2001, p. 27-41.

GARZON, D. A comparação de competências empreendedoras pessoais entre empresários e executivos do setor de serviços. **Serviços a Empresas**, v. 4, n. 3, 2010, p. 289-303.

GIMENEZ, F. A. P.; FERREIRA, J. M.; RAMOS, S. C. Empreendedorismo feminino no Brasil: Gênese e formação de um campo de pesquisa. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 1, 2017, p. 40-74.

GONÇALVES DA SILVA, M. V. Inovação e intraempreendedorismo: abordagens, dimensões e delimitações no nível organizacional à luz da literatura internacional. **Capital Científico**, v. 17, n. 1, 2019, p. 109-123.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil, 2010**: Curitiba, 2010. Relatório. Disponível em: <[www.ibqp.org.br/gem](http://www.ibqp.org.br/gem)>. Acesso em: 10 de março de 2019.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil, 2017**: Curitiba, 2017. p. 1-23. Relatório. Disponível em: <[www.ibqp.org.br/gem](http://www.ibqp.org.br/gem)>. Acesso em: 10 de março de 2019.

HASHIMOTO, M. **Espírito empreendedor nas organizações: aumentando a competitividade através do intraempreendedorismo**. São Paulo: Saraiva, 2006.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. Entrepreneurship: Starting, developing, and managing a new enterprise. **Homewood**, IL: BPI/Irwin, 1989. <https://ssrn.com/abstract=1505240>

HRYNIEWICZ, L. G. C.; VIANNA, M. A. Mulheres em posição de liderança: obstáculos e expectativas de gênero em cargos gerenciais. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 16, n. 3, 2018, p. 331-344.

IBGE. Estatísticas de gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e pesquisas**, 2018, n. 38. Informativo. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf)>. Acesso em: 20 de março de 2019.

IBGE. Estatísticas de gênero: responsabilidade por afazeres afeta inserção das mulheres no mercado de trabalho. 2018. **Agência IBGE notícias**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>>. Acesso em: 16 de Julho de 2019.

IBGE. Estatísticas Sociais: PNAD Contínua trimestral: desocupação cresce em 14 das 27 UFs no 1º trimestre de 2019. **Agência IBGE notícias**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>>. Acesso em: 27 de Junho de 2019.

JENNINGS, J. E.; BRUSH, C. Research on Women Entrepreneurs: Challenges to (and from) the Broader Entrepreneurship Literature? *The Academy of Management Annals*, v. 7, n. 1, 2013, p. 661-713. [doi.org/10.1080/19416520.2013.782190](https://doi.org/10.1080/19416520.2013.782190)

KEARNEY, C.; MORRIS, M. H. Strategic renewal as a mediator of environmental effects on public sector performance. **Small Business Economics**, v.45, n.2, 2015, p.425-45. <https://doi.org/10.1007/s11187-015-9639-z>



KLYVER, K.; NIELSEN, S. L.; EVALD, M. R. Women's Self-employment: An Act of Institutional (dis)Integration? A Multilevel, Cross-country Study. **Journal of Business Venturing**, v. 28, n. 4, 2013, p. 474-488. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2012.07.002>

LAPOLLI, É.; GOMES, R. K. Práticas intraempreendedoras na gestão pública: um estudo de caso na Embrapa. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 90, 2017, p. 127-142. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.3190009>

LIMA, E.; NELSON, R.; NASSIF, V. Gênero, classe social e empreendedorismo: foco nas estudantes universitárias de um país emergente. **Revista de Administração da UFSM**, v. 9, n. 4, 2016, p. 579-604. <http://dx.doi.org/10.5902/1983465919062>

LIMA, S. F. A.; DANTAS, C. F.; TEIXEIRA, R. M.; ALMEIDA, M. A. Empreendedorismo público e orientação empreendedora em instituições federais de ensino. **Revista de Ciências da Administração**, v. 20, n. 50, 2018, p. 44-60. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8077.2018.V20n50p44>

LOPES, A. K. L. et al. Características e comportamentos do empreendedorismo feminino: um estudo de multicasos em pequenas empresas. **Revista Expressão Católica**, v. 5, n. 1, jul/dez 2016, p. 87-95. <http://dx.doi.org/10.25190/rec.v5i1.1473>

LUKE, N.; MUNSHI, K. Women as agents of change: Female income and mobility in India. **Journal of Development Economics**, 2010. [10.1016/j.jdevco.2010.10.002](https://doi.org/10.1016/j.jdevco.2010.10.002).

MACHADO, H. V. Tendências do comportamento gerencial da mulher empreendedora. **Anais do Enanpad**, 1999.

MARQUES, S. B. V.; RASOTO, V. I.; ISHIKAWA, G.; BOCCHINO, O. Intraempreendedorismo no setor público: Estudo de caso na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, v. 5, n. 1, p. 26-48, 2016.

MELO, M. R. S.; JESUS, D. L. N. Empreendedorismo feminino: desafios e oportunidades no cenário turístico de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 6, n. 1, 2018, p.111-128.

MEYNHARDT, T.; DIEFENBACH, F. E. What Drives Entrepreneurial Orientation in the Public Sector? Evidence from Germany's Federal Labor Agency. **Journal of Public Administration Research and Theory**, v.22, n.4, 2012, p.761-92. [doi.org/10.1093/jopart/mus013](https://doi.org/10.1093/jopart/mus013)

MIGUEZ, V. B.; LEZANA, A. G. R. Empreendedorismo e inovação: a evolução dos fatores que influenciam o empreendedorismo corporativo. **Navus: Revista de Gestão e Tecnologia**, v. 8, n. 2, 2018, p. 112-132.

MINELLO, I. F.; BÜRGER, R. E.; KRÜGER, C. Características comportamentais empreendedoras: um estudo com acadêmicos de administração de uma universidade brasileira. **Brazilian Journal of Management/Revista de Administração da UFSM**, v. 10, Especial 2017, p.77-91.

MINNITI, M.; NAUDÉ, W. "What do we know about the patterns and determinants of Female Entrepreneurship across countries?". **European Journal of Development Research**, v. 22, n. 3, 2010, p. 277-293.

MOCELIN, D. G.; AZAMBUJA, L. R.. Empreendedorismo intensivo em conhecimento: elementos para uma agenda de pesquisas sobre a ação empreendedora no Brasil. **Sociologias**. Porto Alegre, RS. Vol. 19, n. 46, set./dez. 2017, p. 30-75. <http://hdl.handle.net/10183/173042>

MORAIS, M. C. A.; VALADARES, J. L.; EMMENDOERFER, M.; TONELI, D. Polissêmias do empreendedorismo no setor público. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 1, 2015, p. 26-53. <http://dx.doi.org/10.14211/regepe.v4i1.200>

MOTA, M. O.; SOBREIRA, M. C.; VALE, M. S.; NOGUEIRA, L. C. C. Relações de influência de indicadores macroeconômicos na propensão ao risco de empreender. **REGE-Revista de Gestão**, v. 24, n. 2, 2017, p. 159-169. <https://doi.org/10.1016/j.rege.2017.03.006>

MCCLELLAND, David C. **The achievement motive in economic growth**. In P. Kilby (Ed.), *Entrepreneurship and economic development*. New York: The Free Press, 1971, p. 109-122.

MCCLELLAND, David C. **A Sociedade Competitiva: Realização e Progresso Social**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

NASCIMENTO, S. D. Precarização do trabalho feminino: a realidade das mulheres no mundo do trabalho. **Temporalis**, v. 14, n. 28, 2014, p. 39-56. <https://doi.org/10.22422/2238-1856.2014v14n28p39-56>

NASSIF, V. M. J.; GHOBRI, A. N.; SILVA, N. S. Understanding the Entrepreneurial Process: a Dynamic Approach. **BAR - Brazilian Administration Review**, v. 7, n. 2, 2010, p. 213-226. <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-76922010000200007>

NAVARRO, F. S. et al. Trajetória das microempreendedoras individuais na região metropolitana de Belém: crescimento pessoal, empoderamento feminino e a formalização de seus negócios. **REMIPE-Revista de Micro e Pequenas Empresas e Empreendedorismo da Fatec Osasco**, v. 4, n. 1, jan/jun 2018, p. 101-126. <https://doi.org/10.21574/remipe.v4i1%20jan-jun.9>

OLIVEIRA, E. N. P.; MOITA, D. S.; AQUINO, C. A. B. O Empreendedor na Era do Trabalho Precário: relações entre empreendedorismo e precarização laboral. **Revista Psicologia Política**, v. 16, n. 36, 2016, p. 207-226.

PAULA, S. L.; SANTOS, C. F. S. O.; SILVA, M. E. A evolução empreendedora no césar: o uso do intraempreendedorismo como subsídio para a incubação de novas empresas de base tecnológica. **Gestão & Planejamento**, v. 10, 2018. [10.21714/2178-8030gep.v19.3294](https://doi.org/10.21714/2178-8030gep.v19.3294)

RAKNERUD, Arvid; RØNSEN, Marit. Why are there so few female entrepreneurs? An examination of gender differences in entrepreneurship using Norwegian registry data. **Discussion Papers**, 2014.

RAMALHO, A. A.; FIGUEIREDO, I. D. Mulheres multifuncionais: mercado de trabalho e dilemas familiares. **Revista Foco**, v. 6, n. 1, 2013, p. 18-30. [https://doi.org/10.28950/1981-223x\\_revistafocoadm/2013.v6i1.49](https://doi.org/10.28950/1981-223x_revistafocoadm/2013.v6i1.49)

RIBEIRO, A. T. V. B.; KRAKAUER, P. V. C. Empreendedorismo por estilo de vida: estudo exploratório sobre fatores motivacionais, características e gestão. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 7, n. 1, 2016, p. 112-131. <https://doi.org/10.7769/gesec.v7i1.439>

ROCHA, E. L. C.; FREITAS, A. A. F. Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. **Revista de Administração contemporânea**, v. 18, n. 4, 2014, p. 465-486. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20141512>

RUIZ ARROYO, M.; FUENTES FUENTES, M. M.; RUIZ JIMÉNEZ, J. M.. Um estudo internacional sobre os fatores que explicam a expectativa de alto crescimento em novos empreendimentos: Uma perspectiva de gênero. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 18, n. 60, 2016, p. 171-190. 10.7819/rbgn.v18i60.1947

SAY, Jean Baptiste. **A treatise on political economy**. 6th ed. New York: Sentry Press, 2008.

SANTIAGO, E. G. Vertentes teóricas sobre empreendedorismo em Shumpeter, Weber e McClelland: novas referências para a sociologia do trabalho. **Revista de Ciências Sociais**, v. 40, n. 2, 2009, p. 87-103.

SANTOS, D. H.; LENZI, F. C. Produção científica em empreendedorismo nas universidades brasileiras: os pesquisadores expoentes na área. **Capital Científico**, v. 16, n. 4, 2018, p.26-42.

SANTOS, F. L. Uma análise crítica sobre “Vida de Empreguete” e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Revista Direito e Práxis**, v. 4, n. 1, 2013, p. 68-87. [10.12957/dep.2013.5349](https://doi.org/10.12957/dep.2013.5349)

SANTOS, P. C. F. Uma escala para identificar potencial empreendedor. 2008. 366 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91191>

SEBRAE. Anuário das Mulheres: Empreendedoras e Trabalhadoras em Micro e Pequenas Empresas. 2016. Disponível em: <<https://datasebrae.com.br/empreendedorismo-feminino/>>. Acesso em: 16 de Julho de 2019.

SILVA, M. S.; LASSO, S. V.; MAINARDES, E. W. Características do Empreendedorismo Feminino no Brasil. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 13, n. 2, 2016, p. 150-167. <https://doi.org/10.25112/rgd.v13i2.370>

SILVA, M. S. Determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil: aplicação de um modelo de escolha ocupacional usando microdados da PNAD de 2015. 2017. 47 f. Dissertação (Mestrado em Economia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2017. <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7732>

SILVA, M. V. G., et al. Intraempreendedorismo no Setor Público: Análise do Comportamento Empreendedor de Gestores Públicos Municipais por Meio do Carland

Entrepreneurship Index (CEI). **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 7, n. 2, 2018, p. 67-114. <https://doi.org/10.14211/regepe.v7i2.699>

SOUSA, E. G. et al. Tecnológica e Inovadora: Atuação da mulher em empreendimentos sociais brasileiros. **Revista de Negócios**, v. 22, n. 4, 2017, p. 7-18.

SCHWARTZ, E. B. Entrepreneurship: a new female frontier. **Journal of Contemporary Business**. Seattle, v. 5, n. 1, 1976, p. 47.

SCHUMPETER, J. **Theories of Economic Development**. Cambridge: MA, 1942.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1984.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 13, n. 3, 2009, p.450-467. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552009000300007>

SHANE, S; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of Management Review**, New York, v. 25, n. 1, 2000, p.217-227. <https://doi.org/10.5465/amr.2000.2791611>

SPENCER, A. S.; KIRCHHOFF, B. A.; WHITE, C. Entrepreneurship, innovation, and wealth distribution: the essence of creative destruction. **International Small Business Journal**, v. 26, n. 1, 2008, p. 9-26. <https://doi.org/10.1177/0266242607084657>

TAVARES, M. A. O empreendedorismo à luz da tradição marxista| Entrepreneurship in light of the Marxist tradition. **Revista Em Pauta**, v. 16, n. 41, 2018, p.107-121. <https://doi.org/10.12957/rep.2018.36687>

TEECE, D. J. Dynamic capabilities and entrepreneurial management in large organizations: Toward a theory of the (entrepreneurial) firm. **European Economic Review**, v. 86, 2016, p. 202-216. <https://doi.org/10.1016/j.euroecorev.2015.11.006>

TEIXEIRA, R. M.; BOMFIM, L. C. S. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 10, n. 1, 2016, p. 44-64.

TEIXEIRA, T. S. et al. Inovação e empreendedorismo: Um caso no setor público. **Revista Pretexto**, v. 20, n. 1, 2019, p. 57-71. <http://dx.doi.org/10.21714/pretexto.v20i1.5609>

VALE, G. M. V.; SERAFIM, A. C. F.; TEODÓSIO, A. S. Gênero, imersão e empreendedorismo: sexo frágil, laços fortes?. **RAC- Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, 2011, p. 631-649.

VALE, G. M. V. Empreendedor: Origens, Concepções Teóricas, Dispersão e Integração. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, 2014, p. 874-891. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac20141244>

VALADARES, J. L.; EMMENDOERFER. A. Incorporação do empreendedorismo do setor público: reflexões baseadas no contexto brasileiro. **Revista de Ciências da**

**Administração**, Florianópolis, v.17, n.41, 2015, p.82-98. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2015v17n41p82>

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, 2014, p. 203-220.

XX ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA; XVI ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO; VI ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA. PAIVA, A. M.; SILVA, M. M.; CARRASCO, L. C. Características de um Intraempreendedor dentro de uma empresa para a sobrevivência no mercado atual– Universidade do Vale do Paraíba, 2016.

XXXI ENCONTRO ENANPAD. CHIEH, N.; ANDRASSE, T. Intra-empendedorismo: um estudo de caso sobre o entendimento e a aplicação dos fundamentos organizacionais associados ao termo, Rio de Janeiro, 2007. <http://hdl.handle.net/10438/5781>

XXXVI ENCONTRO ANPAD. VALADARES, J. L. et al. O fenômeno do empreendedorismo público: um ensaio sobre a aplicabilidade desse construto na administração pública brasileira, Rio de Janeiro, 2012.

XXXVIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. FERRAS, R. et al. Empreendedorismo corporativo em organizações públicas: Um estudo em uma universidade pública. Rio de Janeiro, 2014.

XXXVIII ENCONTRO ANPAD. VALADARES, J. L.; EMMENDOERFER, M. L.; MORAIS, M. C. A. Polissemas do Empreendedorismo no Setor Público, Brasil, 2014.

YETIM, N. Social capital in female entrepreneurship. **International Sociology**, v. 23, n. 6, 2008, p. 864-885. [doi: 10.1177/0268580908095913](https://doi.org/10.1177/0268580908095913)

ZAMPETAKIS, L. A.; MOUSTAKIS, V. An exploratory research on the factors stimulating corporate entrepreneurship in the Greek public sector. **International Journal of Manpower**, v. 31, n. 8, 2010, p. 871-887. <https://doi.org/10.1108/01437721011088557>